

MÍDIA E PODER:

ENTREVISTA COM PAULO HENRIQUE AMORIM

Entrevista por Alfredo Manezy e Paulo Alcoforado - edição por Paulo Alcoforado - Colaborou Manoel Rangel

UM PARTICULAR E ILUSTRATIVO MOMENTO DA TELEVISÃO BRASILEIRA, ONDE A PROPAGANDA SE DISFARÇOU DE TELEJORNAL. NA ORIGEM DA NOVA REPÚBLICA, TAL EVENTO TERIA, SEGUNDO MUITOS ESPECIALISTAS, ABERTO UM PRECEDENTE NAS RELAÇÕES ENTRE MÍDIA E PODER NO BRASIL. UM MARCO ZERO DO NOSSO AUDIOVISUAL?

PAULO HENRIQUE AMORIM É JORNALISTA, EDITOR DA TV UOL, CO-PRODUTOR E APRESENTADOR DO PROGRAMA CONVERSA AFIADA, NA TV CULTURA. ENTREVISTA GENTILMENTE CEDIDA PELO PROGRAMA CORTE SECO, REALIZADO PELA ABD-SP E PELA ZYD PRODUÇÕES.

“NÃO ME DAREI AO RIDÍCULO DE DESCREVER A SITUAÇÃO DO MUNDO DA MÍDIA PARA AS PESSOAS QUE O CONHECEM MELHOR DO QUE EU. PESSOAS QUE ESTÃO ENTRE AS MAIS PODEROSAS DO MUNDO. DE UM PODER QUE NÃO É APENAS DO DINHEIRO, MAS DO QUE O DINHEIRO PODE TER SOBRE OS ESPÍRITOS. ESSE PODER SIMBÓLICO HOJE ESTÁ CONCENTRADO NAS MÃOS DAS MESMAS PESSOAS QUE DETÉM O CONTROLE DOS GRANDES GRUPOS DE COMUNICAÇÃO. OU SEJA, DO CONJUNTO DOS INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO E DE DIFUSÃO DOS BENS CULTURAIS.”

PIERRE BOURDIEU,

CONFERÊNCIA A EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO
NOS EUA

Sinopse: *Em seu texto O grandalhão e o pirralho, publicado na Folha de São Paulo, em 02.jun.1998, você faz um balanço entre mídia e poder no Brasil. E você afirma que o futuro da liberdade de expressão no Brasil será “o mesmo da tecnologia da era moderna: concentrada, condensada e comprimida”. Qual é a radiografia de poder que você está fazendo quando afirma essas três qualidades para a mídia brasileira?*

Paulo Henrique Amorim: Eu acho que essa síntese que eu fiz aí se confirma no momento porque o Ministro das

Comunicações, Pimenta da Veiga, acabou de colocar na internet, para ser discutida pela sociedade brasileira, uma proposta de uma lei de comunicação de massa, uma lei de radiodifusão. Como se sabe, o Sérgio Mota fez uma lei para privatizar os telefones. Mas ele queria que essa lei fosse acompanhada de uma lei de comunicação de massa que iria regular as relações entre as diversas mídias, e as relações dentro das próprias empresas de comunicação. O projeto do Sérgio Motta, e houve seis versões, o último projeto que se conhece, a última versão do Sérgio Motta que se conhece, limitava o número de empresas para um mesmo canal, para uma mesma rede, impedia a propriedade cruzada, ou seja, num mesmo mercado ter rádio, televisão, cabo, revista e jornal, como por exemplo a Globo tem no Rio de Janeiro, e criava instâncias de discussão de conteúdo do que as emissoras de televisão divulgavam, para preservar não só o mínimo de qualidade, mas sobretudo a pluralidade. Essa era a preocupação do projeto do Sérgio Motta. Eu tive uma conversa com ele. Aliás, foram várias conversas. Eu tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, onde acompanhei a reforma da lei de telecomunicações, feita no começo do governo Clinton, e ponderei que ele corria

um risco muito grande se aprovasse a venda dos telefones sem resolver o problema da concentração na televisão. Lamentavelmente ele morreu, e o projeto dele sumiu. Ressurgiu agora um *frankenstein*, um monstro, realizado pelo Ministro Pimenta da Veiga, que, como se sabe, é candidato a Presidência da República; ou melhor, talvez poucas pessoas saibam, mas ele é candidato também a Governador de Minas, e o projeto dele não impõe limitações ao número de emissoras que uma rede pode ter, não proíbe a propriedade cruzada, e não faz nenhuma restrição à questão de conteúdo, nem tem nenhuma preocupação com relação a pluralismo.

Sinopse: *Ou seja, ele não interfere no monopólio do sistema de televisão aberta brasileira.*

PHA: O que ele faz é concentrar ainda mais o poder nas mãos dos atuais proprietários de emissoras de televisão. Eu acho, pessoalmente, sobre a questão da democracia brasileira, que nós temos uma democracia brasileira, que nós temos uma democracia formal... O Peru também tinha uma democracia, e nós vimos o que o Fujimori fez dessa democracia. O México tinha formalmente uma democracia, passou

71 anos exercendo a democracia. A Argentina tinha uma democracia, e o presidente que exerceu o poder durante dois mandatos, e tentou a terceira vez, está na cadeia. Uma prisão domiciliar, na companhia de uma jovem e bela esposa, mas ele está preso. Um dos últimos presidentes do regime democrático do México está exilado na Irlanda. E como se sabe, o Fujimori teve uma importante contribuição à cultura política universal, porque foi o primeiro presidente que renunciou por *fax*. Muito bem. Nós temos também uma democracia em muitos aspectos formal, mas a questão básica, a coluna vertebral do problema democrático no Brasil é a questão da concentração da mídia, e esse projeto só faz confirmar isso.

Sinopse: *Como esse sistema de pressões da legislação, e da própria peneira das agências de notícias, interfere na construção da notícia que o leitor comum tem acesso?*

PHA: Primeiro, há uma limitação do mercado de trabalho. Com a isso há uma queda do salário real. O jornalista brasileiro ganha muito mal em relação a países onde existe mais ou menos o mesmo padrão de vida, onde há o mesmo nível de sofisticação dos meios de comunicação. Os salários no Brasil estão muito baixos. Segundo, existe uma questão que é a uniformização do

pensamento. No Brasil você tem uma emissora de televisão que tem o elenco completo de programas jornalísticos ao longo do dia, que é o da TV Globo. Não há pluralismo, não há conflito, não há debate, não há divergência, não há o outro lado, não há outra versão. É uma imprensa, de televisão sobretudo, absolutamente padronizada e desdentada. É uma imprensa que não morde.



Sinopse: *Se um jovem jornalista quer buscar uma certa independência desse sistema que temos no Brasil, existe algum meio? É possível ter uma certa independência das agências de notícias, é possível fazer uma reportagem investigativa hoje no Brasil?*

PHA: Eu acho que há algumas exceções importantes. Me vem à cabeça alguns trabalhos da *Folha de São Paulo*, me vem à

cabeça, sistematicamente, a revista *CartaCapital*, mas, de resto, um jornalista que queira ser independente, ele tem que estar preparado para ter muitas dificuldades em sua carreira.

Sinopse: *Você passou pelos grandes meios de comunicação do país. Rede Globo, Bandeirantes, Jornal do Brasil, atualmente está na TV UOL e na TV Cultura. Como um jornalista mantém sua integridade dentro do mainstream?*

PHA: É uma batalha que se trava diariamente. Agora, é sintomático que, para poder sobreviver como jornalista de televisão, eu tive que criar um produto, sugerir esse produto à Rede Cultura de Televisão, que me acolheu com muita generosidade, com muito carinho, a quem eu devo muito, e fiz uma proposta de co-produção. Eu sou co-produtor, eu não sou funcionário da TV Cultura. Eu arco com parte das despesas e

participo da receita do programa, uma vez que a emissora agora aceita patrocínio institucional.

Sinopse: *Você pensa sobre tudo aquilo que circula ao redor da notícia?*

PHA: Sim. Eu estou subordinado ao departamento de jornalismo. O meu programa tem que se encaixar dentro da filosofia da empresa, que é a de fazer um

jornalismo público, e essa é uma camisa que eu visto com muita tranquilidade, com muito prazer. Agora, eu sou o responsável pelo programa, no sentido de concebê-lo editorialmente, e a Cultura tem sido muito generosa também nesse aspecto, e temos tido uma convivência muito profissional. Mas é sintomático que esse tipo de programa não esteja na tevê aberta. A Cultura é uma tevê aberta entre aspas. Eu acho que isso é muito revelador.

Sinopse: *Na Bandeirantes você tentou levar o telejornalismo a um novo patamar...*

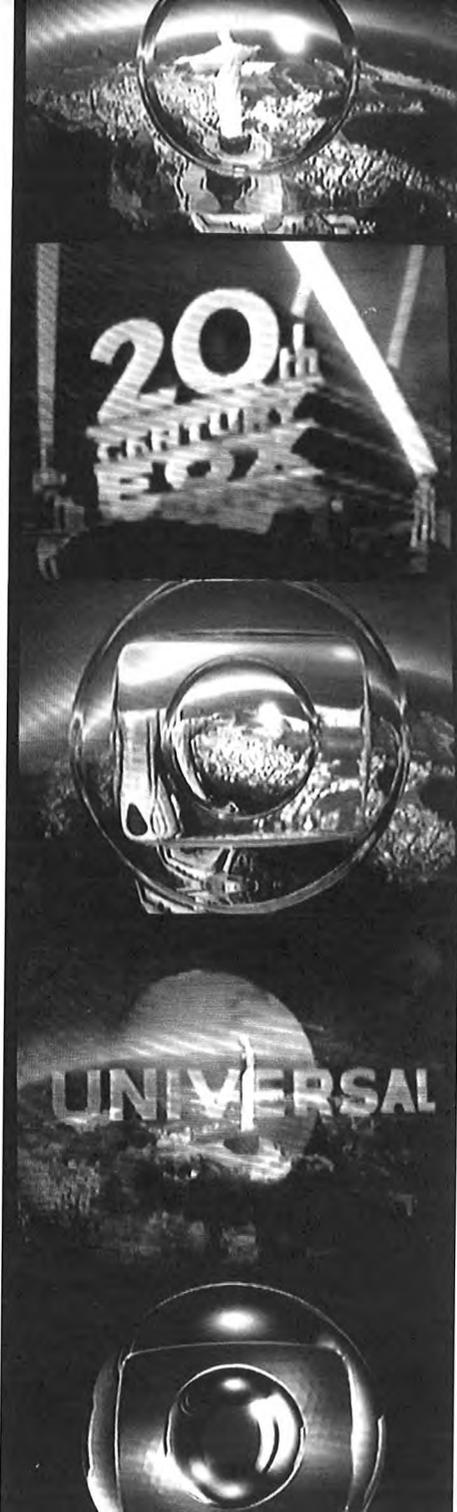
PHA: Na Bandeirantes eu até hoje não sei por que saí. É um mistério profundo que eu espero resolver ao final do meu processo judicial. Eu entrei com uma ação na justiça para que a Bandeirantes pague o que me deve, e espero que ao longo desse processo consiga finalmente descobrir por que eles não quiseram mais trabalhar comigo. Tenho algumas suspeitas, mas não posso ter certeza de nada.

Sinopse: *O que diferenciava o programa que você pensou para a Rede Bandeirantes, e atualmente na tevê Cultura, dos outros telejornais da tevê brasileira?*

PHA: O meu contrato com a Bandeirantes era um contrato em que eu tinha bastante autonomia, só dava satisfações aos acionistas controladores, aos donos da empresa, e abaixo deles eu tinha absoluta autonomia, tanto na parte operacional como na parte de conteúdo.

Sinopse: *E como âncora você comentava a notícia, muitas vezes.*

PHA: Não. Não.



Sinopse: *Implicitamente? Na forma de apresentá-la?*

PHA: Não. Não. Eu divirjo do Boris Casoy, acho que âncora não deve dar palpite.

Sinopse: *Nem separadamente, como por exemplo a Ana Paula Padrão faz?*

PHA: Também não. Eu acho que é um abuso, porque você não deve tentar impor a sua opinião ao telespectador. Você deve expor os fatos e o espectador que tome a sua posição. Como dizem os americanos, “você me dá os fatos e eu entro com a opinião”.

Sinopse: *Mas os donos de tevê não impõem uma pauta? No sistema das relações da Bandeirantes, por exemplo, você tinha independência para construir a pauta?*

PHA: Tinha. Durante os dois anos a empresa me fez pedidos muito poucos. O Sr. João, sobretudo, o Sr. João Saad, que foi uma convivência extremamente agradável que eu tive. Era um empresário que gostava de jornalismo, sentia orgulho do jornalismo da empresa dele, e me incluía nisso. Eu tive uma convivência muito salutar com ele, e lamentei muito sua morte. E nessa convivência, vez por outra, ele me fazia um pedido aqui, um pedido ali, para poupar alguns amigos pessoais dele, e eu entendia isso como um pedido absolutamente legítimo e respeitei várias vezes. Agora, de resto, com relação à linha editorial, absolutamente nada. Eu me lembro que eu fiz coberturas, por exemplo, sobre o processo de privatização dos telefones, e o escândalo dos grampos, e o

Sr. João me telefonava para contar que o Ministro das Comunicações na época, Luis Carlos Mendonça de Barros, telefonava pra ele, antes de o jornal ir pro ar, pra saber o que eu ia dizer.

Sinopse: Isso é comum na prática jornalística, receber telefonemas do Ministério das Comunicações?

PHA: Não sei. O governo Fernando Henrique tem vários ministros que ligam para os patrões pedindo para punir os repórteres.

“CADA VEZ QUE LIGO A TELEVISÃO NO JORNAL NACIONAL, SINTO-ME FELIZ, PORQUE NO JORNAL DA GLOBO O MUNDO ESTÁ CAÓTICO, MAS O BRASIL ESTÁ EM PAZ. É COMO UM TRANQUILIZANTE APÓS UM DIA DE TRABALHO.”

PRES. ERNESTO GARRASTAZU
MÉDICI,
COMENTÁRIO QUANDO DO ADVENTO DA
TEVÊ EM CORES

Sinopse: Pedindo para punir os repórteres?

PHA: É. O Mendonça de Barros fazia isso; ligava pro “seu” João, pra saber o que eu ia dizer, daí a uma hora, uma hora e meia, e o “seu” João me ligava:

- Olha, o Mendonça ligou, hein!? O que é que você vai fazer?
- Ah, vou fazer isso...
- Então manda bala!

Sinopse: O Bernard Cassel, editor do Le Monde Diplomatic, quando esteve no Roda viva, teve um momento de enfrentamento com os entrevistadores, que estavam tentando encurralar a posição dele, de um jornalismo radicalmente independente na Europa.

De repente, ele disse: “o único jornalista, em rigor, aqui, sou eu, porque todos vocês trabalham em jornais que pertencem a grandes corporações, e eu trabalho num jornal totalmente independente”. Eu me pergunto até que ponto ele não tem razão, na medida que...

PHA: Eu acho que é um exagero. Você pode ser um jornalista independente em alguns jornais brasileiros. Por exemplo, vou lhe dar o caso do Bob Fernandes. Bob Fernandes, que é repórter da revista *CartaCapital*, que eu considero um dos

Times, ou muitos repórteres do *Washington Post*, não sejam jornalistas independentes.

Sinopse: Mas dá pra comparar o nosso modelo com o modelo americano?

PHA: Nosso modelo não dá pra comparar porque aqui não há diversidade, aqui não há pluralismo.

Sinopse: As relações entre jornal e corporação no Brasil são mais complicadas.

PHA: São mais complicadas. Você tem no Brasil uma emissora de televisão com o

“NÃO HÁ PLURALISMO, NÃO HÁ CONFLITO, NÃO HÁ DEBATE, NÃO HÁ DIVERGÊNCIA, NÃO HÁ O OUTRO LADO, NÃO HÁ OUTRA VERSÃO. É UMA IMPRENSA, DE TELEVISÃO SOBRETUDO, ABSOLUTAMENTE PADRONIZADA E DESDENTADA...”

melhores repórteres brasileiros, eu acho que ele é um jornalista independente trabalhando numa empresa.

Sinopse: Mas a empresa, no caso, é a revista. A revista não pertence a uma grande corporação.

PHA: Mas é uma corporação importante, é a *Vogue*, a editora da *Vogue*, tem uma série de publicações na área feminina, e publicações respeitáveis. Eu acho que vários jornalistas da *Folha*, por exemplo, são jornalistas independentes. Você não pode dizer que muitos repórteres do *New York*

noticiário completo. Você tem três jornais de importância nacional: *Folha*, *Estado* e *Globo*. O que é que é isso? É inacreditável!

Sinopse: O telejornal por exemplo, como qualquer programa de televisão, vive da receita publicitária. Um anunciante tem como pressionar?

PHA: O anunciante não leva em consideração a questão do conteúdo. A menos que seja um conteúdo bárbaro, um conteúdo grotesco, uma coisa inaceitável do ponto de vista ético ou moral. Mas normalmente o problema do anunciante é alcançar o público consumidor.

Sinopse: *O Estado é um grande anunciante.*

PHA: A pressão do Estado hoje é mais política do que de dinheiro. O Estado no Brasil já foi um anunciante mais forte. O governo federal e os governos estaduais já foram mais fortes; hoje eles são menos fortes no ponto de vista de grana. Eles exercem o poder de outra forma, com a pressão política, com a pressão disfarçada, enfim, há vários mecanismos.

"(...) NA TRADIÇÃO LIBERAL ANGLO-SAXÃ, A MAIS INFLUENTE PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, FALA-SE NA IMPRENSA COMO QUARTO PODER, OU WATCHDOG, O CÃO DE GUARDA QUE NOS PROTEGE CONTRA OS ABUSOS DOS PODEROSOS. FOI POR ISSO QUE A CONSTITUIÇÃO AMERICANA CONSAGROU NA PRIMEIRA EMENDA, DE 1772, QUE O CONGRESSO NÃO PODERIA FAZER LEIS QUE RESTRINGISSEM A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DE IMPRENSA."

JEAN BAUDRILLARD,
EM SIMULACROS E SIMULAÇÕES

"SE A CAUDA É MAIS INTELIGENTE QUE O CÃO, A CAUDA BALANÇA O CÃO."

DAVID MAMET,
EM MERA COINCIDÊNCIA

Sinopse: *Vocês, jornalistas, dentro de um telejornal, trabalham com imagem, áudio, presença física, têm uma série de ferramentas para construir a notícia. Qual o grau de consciência que o jornalista tem na televisão para trabalhar com essas ferramentas no Brasil?*

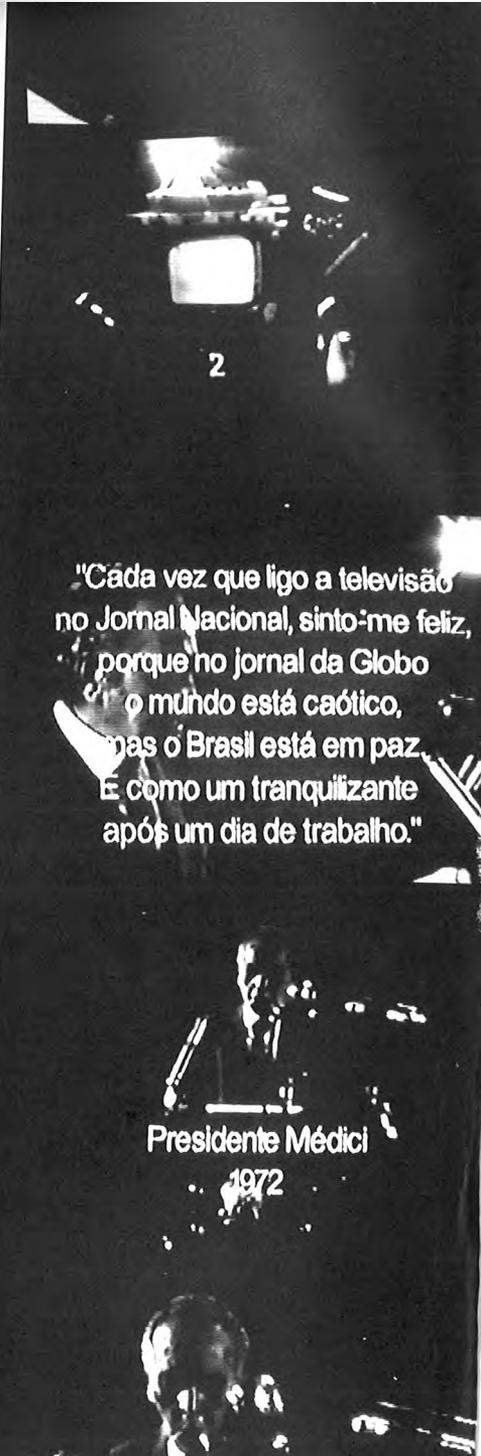
PHA: Hoje no Brasil já existe uma tecnologia de televisão bastante difundida. A "escola da Globo" formou muita gente em televisão. Hoje é tudo mais ou menos macaco-velho, ninguém faz nada ingenuamente.

Quando você faz um enquadramento mais dramático, quando você puxa um tipo de edição, quando você faz um certo tipo de iluminação, quando você puxa a voz do apresentador, do locutor, para um lado mais grave, todo mundo sabe o que isso significa. Não há mais nenhuma ingenuidade, nenhuma espontaneidade nisso. Quer dizer, todo mundo sabe que esse frenesi de ficar olhando para dezoito câmeras ao mesmo tempo dá impressão de instantaneidade, de "ao vivo". Quando se sabe que a cobertura ao vivo não é necessariamente verídica. Pode estar havendo um quebra-quebra aqui, e eu fazendo ao vivo aqui em frente ao Jardim Botânico, e ficar parecendo que está tudo muito bonito porque está tudo verde atrás. Só que aqui está tendo um quebra-quebra desenfreado, estão saqueando um supermercado. Aqui está ao vivo, mas não é verdade. Então, essa multiplicidade de câmeras, você ir para um comentário e fechar o *close* no apresentador, tudo isso é uma linguagem pra realçar a dramaticidade. Como dizia o Orson Welles, a única coisa importante em cinema é que plano fechado é drama e plano aberto é humor. Se o Orson Welles achava que isso é a única coisa importante, eu acho bom a gente levar em consideração. Fechou, é pra dar dramaticidade.

Sinopse: *Você falou de dramatização, mas a construção do sentido da notícia já é uma coisa mais complexa. Até que ponto...*

PHA: "Construção do sentido da notícia"... você quer dizer o quê, a manipulação?

Sinopse: *A manipulação. Existe um fato, a gente pode criar uma versão desse fato de várias formas diferentes. No caso*



"Cada vez que ligo a televisão no Jornal Nacional, sinto-me feliz, porque no jornal da Globo o mundo está caótico, mas o Brasil está em paz. E como um tranquilizante após um dia de trabalho."

dos âncoras que fazem comentários, a impressão que se tem é que há uma opinião assumida...

PHA: Vou submeter você a um teste. Quando um âncora faz um comentário, procure ver se o inverso daquele comentário poderia ser exibido. Se não puder, tem alguma coisa errada com aquele comentário. Ele diz assim: “o cachorro tem quatro patas”. Ele poderia dizer “o cachorro tem seis patas”? Não. Logo, dizer que o cachorro tem quatro patas, tem alguma coisa por trás desse comentário. Eu construí ao longo de minha vida alguns testes. Um deles é esse.

“QUANDO UM ÂNCORA FAZ UM COMENTÁRIO, PROCURE VER SE O INVERSO DAQUELE COMENTÁRIO PODERIA SER EXIBIDO. SE NÃO PUDER, TEM ALGUMA COISA ERRADA COM AQUELE COMENTÁRIO.”

Sinopse: Mas há outras técnicas de construção mais implícitas, essa é a mais explícita de todas, a emissora faz seu comentário ali. As mais implícitas de construção da notícia, no sentido dado mesmo. Na sua trajetória tem algum caso exemplar?

PHA: Há dois casos clássicos, históricos, que fazem parte dos manuais de televisão do mundo inteiro, que são casos de manipulação de fatos com objetivos eleitorais. Primeiro foi em 1988 no México, com a campanha do Carlos Salinas Gortari, candidato do PRI, partido do poder, e o

Gualtemo Cárdenas, o candidato de oposição, filho de Lázaro Cárdenas, o homem que estatizou o petróleo no México e criou a PEMEX. Que, com todo programa de liberalização e globalização, e abertura que o México fez, a PEMEX não foi privatizada nem na área petroquímica. Portanto é uma coisa importante, está lá pros mexicanos, é um símbolo significativo até hoje. Muito bem. Na véspera da eleição, a Televisa, que era na época uma emissora que tinha uma hegemonia comparável à que a Globo exerce aqui, a Televisa botou no ar dois camponeses se dizendo filhos bastardos do Lázaro

Cárdenas, e portanto irmãos do candidato Gualtemo Cárdenas. Os sujeitos ficaram horas falando, dizendo como era a vida deles, e as dificuldades que passaram pelo fato de serem filhos bastardos. Isso depois se provou que era uma fraude vulgar. E o outro caso de antologia, está em todos os livros, manuais de televisão, reportagens que se fazem sobre a utilização da televisão com objetivos eleitorais, é o caso aqui do Brasil, de dezembro de 1989, da manipulação que a Globo fez do debate do Collor com o Lula, e que ajudou decisivamente na eleição do Collor.

Sinopse: Em artigo publicado na revista CartaCapital, você aborda essa fatídica edição do Jornal nacional, “ponto culminante de uma política de manipulação da opinião pública, através do noticiário da maior rede de televisão comercial do mundo, fora dos Estados Unidos”. Você trabalhava lá na época. Como se deu exatamente?

PHA: Eu conto nesse artigo que, no dia seguinte ao debate, a primeira edição foi feita pelo Wolney Pinheiro, o Pinheirinho, que era um editor de rede, tinha um cargo importante na hierarquia da Globo na época, dirigida pelo Armando Nogueira, e o Pinheirinho foi designado pelo Armando para editar o debate. O Pinheiro pegou a equipe dele, saiu da Globo, foram para um canto, pra não serem influenciados pela opinião dos colegas, foi uma eleição muito radicalizada, evidentemente, entre direita e esquerda...

Sinopse: Havia um clima no país...

PHA: Havia um clima no país muito agudo, muito tenso. Pinheiro foi para um hotel, se não me engano, para uma casa, não sei onde, e voltou no dia seguinte e fez a edição do *Jornal hoje*, aquele que vai ao ar na hora do almoço. Uma edição bastante razoável, que eu assisti, uma edição equilibrada, onde o Collor tinha mais tempo que o Lula, mas era uma edição onde apareciam os pontos fortes e fracos dos dois candidatos com razoável equanimidade.

Sinopse: Essa, do Jornal hoje.

PHA: Essa do Pinheirinho, no *Jornal hoje*.

Sinopse: No dia seguinte ao debate.

PHA: No dia seguinte. Trabalho profissional, que poderia ser exibido na BBC,

em qualquer emissora séria do mundo. O dr. Roberto não gostou dessa edição, e deu uma ordem ao então editor de política do *Jornal nacional*, o editor de política da rede, o Ronald Carvalho, e disse o seguinte:

- Pegue tudo o que é bom do Collor e tudo o que é mau do Lula.

Sinopse: Seguindo uma orientação do dr. Roberto?

PHA: Do dr. Roberto. "O que é bom do Collor e o que é mau do Lula. E faça a edição desse jeito". E o Ronald fez isso, com o apoio do Alberico, que era o diretor-geral de jornalismo. E foi exatamente o que o dr.



Roberto pediu, se retiraram todos os pontos fortes do Lula, só entraram os pontos fracos, e o Collor apareceu como uma pessoa que não teve nenhum momento de vacilação, e partiu pra cima do Lula, deu a impressão que o Lula era um frágil, e que o Collor era evidentemente mais preparado para exercer o poder. Nesse caso também, houve mais tempo pro Collor do que pro Lula, só que foi uma coisa tão desequilibrada a favor do Collor, que eu liguei depois de ver o *Jornal nacional* em casa, eu liguei pro Ronald:

- Vem cá, o que é que você fez, como é que você faz uma coisa dessa?

- Eu resolvi fazer o seguinte, Paulo



Henrique, já que é pra tomar partido, eu resolvi fazer uma coisa tão escrachada que as pessoas percebessem que era uma manipulação.

Sinopse: O que é uma desculpa bem...

PHA: Foi o que o Ronald falou. Seguindo-se ao debate, aparece uma pesquisa do Vox Populi. O Vox Populi, como se sabe, trabalhava pro Collor, era o instituto de pesquisa do Collor. O dono do Vox Populi é o filho daquele que se tornou depois o principal assessor no Palácio do Collor, o embaixador Coimbra. O filho do embaixador Coimbra é o dono do Vox Populi. Então, colada no debate, veio uma pesquisa apresentada pelo Cid Moreira, e ele apresenta uma pesquisa em que o Collor dá



uma surra. Quem ganhou o debate, quem você acha que ganhou o debate? É o Collor. Quem está mais preparado? É o Collor. Quem enfrentou melhor os problemas nacionais? O Collor. Quem demonstrou mais segurança? O Collor. O Collor fez tudo. E em seguida vem o Alexandre Garcia, que naquela época era o principal repórter político da casa, ele trabalhava em Brasília, e o Alexandre Garcia, no estúdio, faz uma peroração sobre o papel da televisão e a democracia:

- Estamos orgulhosos de poder participar desse evento que é um monumento ao exercício da democracia.



Ou seja, o debate, somado ao resultado do debate, logo em seguida, e a sugestão de que aquilo, daquela forma, era o exercício da democracia, aquilo tudo junto, na minha opinião, teve um papel extremamente importante na eleição do Collor.

Sinopse: Quase decisivo.

PHA: Talvez decisivo. Talvez decisivo. De qualquer maneira, um papel muito importante. O que não é o mais importante. O mais importante, na minha opinião, não é saber se o *Jornal nacional* elegeu ou não elegeu o Collor. O mais importante é não se discutir como é que é possível, dentro de

uma rede de televisão, num país como o Brasil, com a complexidade do Brasil, fazer isso impunemente. Esse é que é o ponto. Ah, o Lula disse que perdeu o debate. Não me interessa. O Lula não entende nada disso. Com todo respeito, todo respeito. Eu entendo mais que ele. Ah, o debate reflete o que aconteceu. Não é a função do jornalista dizer isso. É por isso que jornalista não pode ter opinião. Jornalista não pode ter opinião é nessas horas, quando o circo tá pegando fogo, o país tá metade pra lá, metade pra cá, você vai ter opinião como?

Sinopse: Paulo, vamos ver um trecho da versão integral do debate Lula versus Collor, 12 anos atrás, a primeira pergunta, feita por Boris Casoy

[um telão é acionado, onde Paulo Henrique Amorim assiste ao debate entre Collor e Lula. A pergunta é do jornalista e apresentador Boris Casoy.]

- [...] O debate que vamos iniciar agora com uma pergunta minha para os dois candidatos. A pergunta será sobre economia, tema deste bloco. Os países comunistas atravessam grandes transformações sobre o aspecto político e econômico. Estão optando pelo caminho da liberdade política, a maioria deles, e pela eficiência do mercado na economia, inclusive no que diz respeito a salários, o que mostra que o Estado-empresário está falindo naqueles países. Pediria aos senhores que se posicionassem, dessem sua opinião sobre as transformações do mundo comunista, sobre o aspecto econômico, e de que maneira esses fatos, essas transformações econômicas, podem ser aproveitados no Brasil como lição. De acordo com o sorteio, responde primeiro o

candidato Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores.

Sinopse: Trata-se da primeira pergunta do segundo programa do segundo turno, poucos dias antes da eleição, e a primeira pergunta feita no programa assistido por milhões de brasileiros que iriam votar dali a poucos dias, estabelece uma pauta sobre o Leste Europeu e o mundo comunista.

PHA: É muito delicado eu fazer uma análise sobre o trabalho de um colega meu.

Eu acho que a questão da Queda do Muro de Berlim, ali em 1989, era evidentemente uma questão que se impunha. E os dois candidatos deveriam se manifestar sobre isso. Eu acho que, desse ponto de vista, a pergunta é perfeitamente pertinente. A minha restrição à pergunta do Boris é que eu acho que ela contém, por si própria, a opinião do Boris, em alguns trechos, em alguns pontos. E isso eu, pessoalmente, não faria. Agora, eu perguntaria sobre o impacto da queda do Muro de Berlim sobre o programa dos dois candidatos.

Sinopse: Mas onde está a construção da pergunta?

PHA: Quando ele descreve... Ele dá a

impressão de criticar, ou de tomar partido, em relação ao que está acontecendo no desmantelamento das economias do Leste Europeu e tal, que o Estado está indo pro vinagre e tal... Eu acho que a pergunta contém, em si, uns ingredientes de opinião, do jeito que foi formulada, que eu, pessoalmente, não formularia desse jeito.

Sinopse: Vamos ver um outro trecho do debate.

[o telão é acionado: o jornalista Villas Boas Corrêa pergunta aos candidatos].

- [...] O presidente eleito vai necessitar de muita popularidade, de dialogar com a sociedade, para explicar as medidas amargas a serem adotadas, inclusive com a imprensa, que é uma via natural de conversa e diálogo com a sociedade. Ora, pelas regras, pelas normas, que os senhores impuseram a esse debate através de seus assessores, os jornalistas estão aqui relegados a uma posição secundária, marginal, quase ridícula. Cada um de nós tem direito a uma pergunta de 30 segundos, três perguntas para cada um, o que dá 1,5 minuto para cada um. Nós quatro ocupamos 6 minutos do programa, mais 30 segundos para

“...NINGUÉM FAZ NADA INGENUAMENTE. QUANDO VOCÊ FAZ UM ENQUADRAMENTO MAIS DRAMÁTICO, QUANDO VOCÊ PUXA UM TIPO DE EDIÇÃO, QUANDO VOCÊ FAZ UM CERTO TIPO DE ILUMINAÇÃO, (...) TODO MUNDO SABE O QUE ISSO SIGNIFICA.”

cada moderador, são mais 2 minutos, 8 minutos no total, de um programa que tem 2 horas e 30 minutos, no mínimo. Eu pergunto se é esse o modelo que o senhor e que o outro candidato pretendem adotar no relacionamento com a imprensa, se é essa a noção de distribuição de tempo. Oito minutos para perguntas e 2,5 horas para respostas. Inclusive com esta mordça. O jornalista faz a pergunta, não tem o direito de questionar a resposta, sequer de registrar se ela é correta. Ou o senhor tem um outro modelo, um outro esquema, para na Presidência da República, o senhor e o outro candidato, no rodízio da pergunta, melhorarem esse relacionamento com a imprensa, e assim flexibilizar essa conversa. Porque nesta rodada, francamente, os candidatos gostam muito de democracia para si, mas não para a imprensa.

Sinopse: Era Nova República, redemocratização, e a pergunta é muito inteligente porque parte do formato do debate para fazer um gancho para a pergunta da futura relação do presidente eleito com a imprensa. Mas até que ponto a gente não vê, na premissa do raciocínio, o jornalista se

vendendo como porta-voz da opinião pública a priori?

PHA: Não. Eu tenho uma grande admiração pelo Villas Boas Corrêa. Quando eu fui editor-chefe do *Jornal do Brasil* eu o convidei para ser meu editor de política. Ele estava aposentado no *Estado de São Paulo* e aceitou o convite, e foi uma convivência extremamente agradável, extremamente enriquecedora para mim. O Villas fez uma pergunta muito pertinente, eu não me lembrava dessa pergunta, e é exatamente isso, a imprensa precisa ter acesso às autoridades e as autoridades precisam tratar a imprensa com respeito, com direito de resposta. Em nenhum lugar do mundo se faz uma pergunta sem direito de réplica.

Sinopse: Mas aí o jornalista vai comentar a resposta?

PHA: Não. Não. Não é comentar. Então eu pergunto pra você, “você tomou café hoje de manhã?”, aí você diz “eu hoje fui a Santos”. Peraí, eu tenho o direito de perguntar, “escuta, mas eu lhe perguntei se o senhor tomou café hoje de manhã”. Você conhece muitos políticos que você pergunta se ele tomou café hoje de manhã e o cara diz que foi a Santos. Se você não tem direito de réplica,

o repórter é um inútil, como diz o Villas muito bem. Existe um problema número um que é o seguinte, você vai fazer pergunta num debate desse, é justo você fazer uma pergunta que não seja uma pergunta que a empresa para a qual você trabalha esteja preparada para que um representante seu faça? Isso é uma questão importante. Você é empregado de uma empresa, chega lá e faz uma pergunta que a empresa não queria. Então é melhor não fazer. Talvez seja melhor não fazer. A outra questão é até que ponto, nesse intercâmbio entre vários jornalistas e os candidatos, existe, de fato, a possibilidade de esclarecer coisas. Já há várias dúvidas sobre isso. É um formato que ainda sobrevive, mas ele está sendo revisto. Os candidatos progressivamente se organizaram de tal maneira pra fazerem esses debates, que viraram robôs.

Sinopse: Tem um roteiro, um script.

PHA: Você pergunta qualquer coisa, eles dizem a mesma coisa...

Sinopse: Mas até que ponto a pauta que o Casoy coloca na primeira pergunta, o comentário implícito, e essa vontade de protagonismo na ação política, implícita na segunda pergunta, não prenunciam de certa forma a edição que a Rede Globo faz do debate?

PHA: Não. Não. A edição do debate foi uma decisão, foi um *flat* do Dr. Roberto. Não tem nada a ver.

Sinopse: Existe um clima geral na imprensa de vontade de intervir na vida política? Existe um clima generalizado de que a imprensa tem autoridade pra...

PHA: Não. O Villas nunca quis intervir na vida política.

“VOCÊ VAI FAZER PERGUNTA NUM DEBATE DESSE, É JUSTO VOCÊ FAZER UMA PERGUNTA QUE NÃO SEJA UMA PERGUNTA QUE A EMPRESA PARA A QUAL VOCÊ TRABALHA ESTEJA PREPARADA PARA QUE UM REPRESENTANTE SEU FAÇA?”

Sinopse: *Não, mas não quero personalizar o debate pro Villas ou pro Casoy, é mais pra tirar um sentimento geral da imprensa após a lei da mordça, após a redemocratização do país, uma vontade geral de se sentir à vontade para intervir na vida política brasileira, de ter um papel de protagonismo na ação política.*

PHA: Eu acho que os jornalistas já se deram conta de que não têm poder nenhum. Eu acho que ficou mais ou menos claro nos últimos tempos que o poder da imprensa está muito desfalcado. Essa uniformização, essa concentração... *Quem são os grandes repórteres da televisão brasileira? Eu tenho um amigo que diz que o melhor repórter da televisão brasileira é o helicóptero. Quem são? Dá o nome de um.*

Sinopse: Caco Barcellos, por exemplo?

PHA: *Caco. Outro.*

Sinopse: Que é marginalizado.

PHA: *Está na Globo News. Outro.*

Sinopse: Você é um deles.

PHA: *Não. Hoje, na Globo.*

Sinopse: Jânio de Freitas, por exemplo.

PHA: *Não. Hoje, na Globo. Repórter, repórter que vai pra rua, apura as coisas e revela coisas que você não sabe.*

Sinopse: Não me ocorre nenhum nome.

PHA: *Caco, Caco e...? Se você morasse em Marte nos últimos tempos, digamos que você fosse redator-chefe do jornal O Marciano, você do Brasil daria as seguintes manchetes: "político ladrão se elege presidente e é 'empichado', a*



desvalorização do Real provoca uma perda de patrimônio de centenas de empresas brasileiras e praticamente destrói o Mercosul porque desorganiza a relação com a Argentina, e o apagão". Pergunto: a televisão brasileira anunciou que um ladrão estava assumindo a Presidência da República?

Sinopse: Não.

PHA: *A imprensa brasileira avisou que o real estava sobrevalorizado, ia ter que ser devalorizado, e ia quebrar muita gente?*

Sinopse: Você avisou, isso eu lembro no *Fogo cruzado*. O único.

PHA: *Quem mais?*

Sinopse: *CartaCapital?*

PHA: *CartaCapital. Quem mais?*

Sinopse: Ninguém mais.

PHA: *E o apagão? Quem avisou que ia ter apagão?*

Sinopse: Apagão? Ninguém.

PHA: *A CartaCapital.*

Sinopse: *A CartaCapital.* É verdade. A *CartaCapital* avisou. Duas capas, um ano antes. Um furo daqueles.

PHA: *Você vê que os leitores de Marte estariam muito melhor servidos do que você.*

Sinopse: *Os critérios de absorção de novos quadros na mídia, seja impressa, a mídia audiovisual, são critérios muito complicados atualmente. Por que o que*

um jovem jornalista que sai da faculdade tem como futuro? É sombrio.

PHA: É sombrio. É bom ficar claro que o futuro de um jovem que está estudando na faculdade e quer ser jornalista é um futuro de muitas dificuldades, de muitos obstáculos...

Sinopse: E se ele não tiver massa crítica, mais complicado será o futuro, pelo visto.

PHA: Uma das tentações dele será ser jornalista econômico, que, como diz um outro amigo meu, jornalismo de economia no Brasil não é nem uma coisa nem outra. O jornalismo de economia no Brasil que é um jornalismo, freqüentemente, de *press-release*, um jornalismo de corroborar, de confirmar o noticiário do governo e das empresas.

Sinopse: O interessante de rever na íntegra o debate 12 anos depois é que dá um gancho pra TV Senado, porque a TV Senado permitiu a possibilidade, pra cinco milhões de brasileiros que têm até a cabo, da “democracia audiovisual brasileira”...

PHA: Um grande progresso a TV Senado.

Sinopse: Uma democracia de cinco milhões de assinantes, né? Esses cinco milhões tiveram acesso à versão, na íntegra, dos fatos que tinham uma edição nos jornais noturnos. O que a TV Senado trouxe além disso?

PHA: Aquilo é muito bom. Inclusive, ela libera o sinal para uma série de outras emissoras. Hoje, não sei se você sabe, com a contenção de custos, a Globo está fazendo muito poucas coberturas com equipamento

“O JORNALISMO DE ECONOMIA NO BRASIL QUE É UM JORNALISMO, FREQUENTEMENTE, DE PRESS-RELEASE, UM JORNALISMO DE CORROBORAR, DE CONFIRMAR O NOTICIÁRIO DO GOVERNO E DAS EMPRESAS.”

próprio, fora dos grandes centros. Mesmo nas viagens do Presidente da República. E freqüentemente ela manda uma equipe atrás do Presidente da República e, pra não gastar dinheiro com satélite, ela gera o *off* do repórter junto com a matéria da Radiobrás. E o vídeo é da Radiobrás. Faz um áudio próprio, faz uma passagem do repórter, gera junto com a Radiobrás, e não precisa pagar satélite. E isso é a Globo. Agora, a TV Senado

está tendo o poder de disseminar, de distribuir de graça para um número infinito de outras emissoras pequenininhas, inclusive pra internet, coisa que eu faço, o sinal dos debates do Senado e da Câmara.

Sinopse: A TV Senado explicita a edição dos telejornais? Porque ao oferecer os fatos na íntegra, de alguma forma ela explicita que há uma edição, que há uma versão dos fatos que é dada pelos diversos telejornais brasileiros da tevê aberta.

PHA: O que não impede que continue havendo uma edição manipulada.

Sinopse: Na TV Senado?

PHA: Não. Quando as emissoras usam o material da TV Senado. A TV Senado não tem edição.

Sinopse: É, tem uma edição de campo-contracampo.

PHA: É, campo-contracampo. O que pode ficar claro, pra quem assistiu o debate na íntegra, é como os jornais de televisão do dia seguinte escolhem...

Sinopse: Escolhem determinados trechos. Essa comparação é interessante. Daria uma boa aula de jornalismo. O Eugênio Bucci fala que no telejornal existe uma montagem eisensteiniana, de atrações, porque você tem sempre uma notícia boa, notícia ruim, notícia boa, notícia ruim, que estabelece na estrutura do programa uma lógica de compensações que dão a idéia de que a natureza da história se neutraliza, e você pode ver a novela das 8 tranqüilo. Você concorda que a estrutura do telejornal traz também um sentido?

PHA: A paginação é uma forma de opinião. A opinião do editor se dá na escolha. Por isso que o grande jornalista americano Ted Copell diz que o papel do editor é de ser um cartógrafo. É pegar a realidade e reproduzi-la, exatamente como é, num tamanho menor. Porque senão ele dá opinião, na hora de escolher. Eis aí o problema do debate na *Jornal nacional*. Não foi feito por cartógrafos, foi feito por militantes da campanha do Collor.

Sinopse: *E tinha gente do PRN na redação, né?*

PHA: Tinha. O presidente do PRN estava lá, passeando nas ilhas de edição, como se fosse um dos nossos. Assim, entrava na ilha, saía da ilha...

Sinopse: *Qual é a atualização hoje das relações entre mídia e poder no Brasil?*

PHA: Eu acho que a mídia brasileira é uma mídia desdentada. Com raras exceções, eu incluo aí a *Folha de São Paulo*, incluo a *CartaCapital*, incluo evidentemente a TV Cultura, mas é, em geral, uma mídia desdentada.

